

As Bandeiras das Damas Paulistas

Ten-Cel. LIMA FIGUEIREDO

O Brasil é pequeno para o coração da mulher patricia, quando uma idéia mirifica lhe povoa o pensamento. Plena de atos de heroísmo é a nossa história, e cada página que se volva repassando os nossos dias de glória, o celso fulcro de quase todos os nossos grandiosos feitos é obra direta ou indireta da mulher. Aqui surgem as Soror Angélica, as Maria Quiréria, as Rosa da Fonseca, as Anita Garibaldi, as Ludovina Portocarrero, as Ana Nery, além de muitas outras, atuando nos cenários, despeadamente, como personagens destacadas dos grandes dramas da vida nacional. Ali aparecem de mil maneiras e formas, num retrato, numa visão, num pensamento, com ilapso divino que dá sinergia aos que, desesperançados, se sentem sem ânimo para emolir sofrimentos, sopitar canceiras e vencer obstáculos. E quantos, sonhado com a mulher que amam, imaginando a tristeza de um lar que deixaram longe, não revigoram ao sentir perto a bandeira, para as lutas mais titânicas, esquecendo dôres e desditas e conquistando glórias.

Não pode haver quem se não sinta feliz, vendo a bandeira de sua pátria flaflar ao vento, tremulando, num nervoso sedutor, como se nas dobras do seu pano corresse sangue, como se fosse dotada duma alma pulcra e duma vontade incontida. Lições sobram na História, exprimindo a força magnética que o lábaro sagrado exerce sobre as multidões.

Em todos os recantos da terra, nos continentes ou nos mares, quantos fastos grandiosos, quantas vitórias não foram ganhas pela força irradiada do vexilo que representa a honra e a dignidade de um povo ? !

Teria sido o pavilhão tricolor que deu energias a Bona-

parte em Arcole? Teria Caxias se embebido de arrojo e valor na arrancada amovel da ponte de Itororó, ao contemplar a nossa bandeira desfraldada? Não sabemos responder cabalmente, mas, se de fato fitaram seus estandartes, neles, certamente, toparam um polo de energia inconsumptível capaz de os conduzir ao bom êxito.

A bandeira é força porque nela se esmalta o solo, a raça, a crença, a língua e as tradições dum povo. A bandeira é a própria pátria transformada em símbolo, é o pano rútilo como paleou Daltro Santos — “que tem alma porque fala, que tem vontade porque efetua, que tem força porque edifica, que tem sensibilidade porque entenece, que tem crença porque abençoa, que tem amor porque nos envolve a todos sob a fulguração da sua grandeza”.

No campo de batalha a bandeira indica o caminho da honra, balizando o itinerário da vitória. Vários comandantes se consideraram deshonrados ao sentir que os pavilhões de suas unidades haviam caído nas mãos do inimigo e tudo fizeram para reavê-los. Há, na nossa História, o fato de um major enlouquecer abraçado à bandeira, rindo de alegria, depois de reconquistá-la a ferro e fogo às hostes adversas.

Na bandeira que as damas paulistas teceram para duas unidades da Força Expedicionária Brasileira, terão os nossos soldados, nela, representados dois elementos de encorajamento: a lembrança da pátria distante e mais particularmente, a saudade da mãe, da esposa, da filha, da noiva e da irmã que por êles oram, porque não lhes falte coragem em nenhum transe da luta.

Para mostrar que a mulher paulista é sempre a brasileira de fibra rija, decidida, carovel e ltiva, do tempo afastado e glorioso dos bandeirantes, basta analisar o gesto sublime que vêm de praticar.

Assim que souberam terem sido escalados dois corpos de tropa aquartelados em plagas paulistas, para irem combater em terras de além mar, não se retardaram em ofertar-lhes as bandeiras feitas por suas mãos mesmas, ponto por ponto, como

se nos bordados executados formassem contas de rosários, nos quais a pátria resaria preces ao nosso Deus, afim de que pousasse lágrimas à família brasileira, protegendo os bravos que se vão bater por uma melhor compreensão humana no mundo que vai raiar após a aleluia da vitória.

Uma grande legião foi formada — legião que tem por armas a bondade, o sacrifício e a humanidade. As combatentes dessa cruzada do bem sentiram a necessidade de ofertar uma bandeira aos jovens que em breve irão partir. Sua estóica e denodada comandante — senhora Anita Costa mobilizou sua gente e, em pouco, a idéia foi consubstanciada numa realidade sublime.

Outro grupo, tendo por presidente de honra, a veneranda e boníssima Condessa do Pinhal, não quis que partisse gente da terra bandeirante sem dar-lhes a bandeira, que deveria refletir a imagem de todos os entes queridos que no Brasil vão ficar. E, na execução desse propósito a faina começou. O trabalho de todas as brasileiras era aceito, fosse qual fosse sua origem étnica e sua posição social.

No tear onde ia ser urdida a obra majestosa qualquer colaboradora era aceita.

Na casa onde o trabalho estava sendo realizado, de quando em quando se ouviam palmas. Eram patricias que vinham para dar ao menos um ponto, contribuindo com seu carinho, com sua solicitude naquela grandiosa empreza. Algumas não sabiam bordar e, primeiramente, tinham que aprender, para em seguida, tremulamente, enfiar a agulha e deixar num ponto de ouro toda a esperança nutrida pela felicidade dum ente amado que vai desafrontar o Brasil no campo de honra.

Vi a bandeira pronta. E nela rutilava a pujança de nossa terra esplendente de vigor. Senti-me um celícola; o ambiente onde o pavilhão fôra tecido para mim era um céu e das estrelas prateadas do pano pareceu-me emergirem arcanjos e serafins rindo de alegria, e entoando hosanas em louvor àquelas que souberam alçar tão alto, com um gesto simples, o patriotismo da mulher brasileira.

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.º andar

Fones : { Seção de Refratários — 3.4952
 { Seção Interior — 2.4229
 { Gerência e Compras — 2.7636

LOJA :

Rua Boa Vista, 25

Fones : { Chefia — 2.4329
 { Vendas — 2.3429
 { Caixa — 3.2047

Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fone 1124 — Linha 140

TELHAS "BRILHANTES" — TIJOLOS PENSADOS

para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros fins.

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos

MATERIAL REFRACTÁRIO

de alta classe, para todos os fins industriais, destacando-se os seguintes tipos :

- "SILEXIL" — classe de 95 % de sílica (SiO_2), fabricados de quartzitos escolhidos segundo os processos industriais mais modernos.
- "MAGNIL" — tijolos de magnesita comparáveis aos melhores fabricados no estrangeiro e que constituem produtos indispensáveis à indústria do aço.
- "ALUMIL" — classe de 80 % de alumina (Al_2O_3). Altamente aluminosos.
- "MULIL" — classe de 70 % de alumina (Al_2O_3). Altamente aluminosos.
- "BAUXIL" — classe de 60 % de alumina (Al_2O_3). Altamente aluminosos.
- "DUTIL" — tijolos anti-ácidos.
- "TERMIL" — tijolos para isolamento do calor.
- "AAA" — classe de 45 % de alumina (Al_2O_3). Alta refratariedade e grande resistência à abrasão e escórias.
- "AA" — classe de 40 % de alumina (Al_2O_3). Alta refratariedade, grande resistência mecânica e pequena sensibilidade às variações bruscas de temperatura.
- "X e A" — classe de 30 % de alumina (Al_2O_3).

Fornecedora das principais indústrias do País —

Fabrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

Bandeira, alma de um povo

I — DIA DA BANDEIRA

De todas as datas que enriquecem nosso calendário cívico, com um entuado relevo e raro esplendor, destaca-se o Dia da Bandeira que tem um elevado significado.

Se todos os povos têm seus fatos históricos intimamente ligados aos seus símbolos que representam seu valor, que não diremos do nosso, que evolue à sombra de uma Bandeira gloriosa, tão rica de matices, clara e bela, como uma dádiva esplendida da mão de Deus, para a gente do Brasil.

Se voltarmos ao passado, vemo-la a drapejar no monte Pascoal, amparando no horizonte a cruz de Cristo, na alvura do seu pano. O passar vertiginoso das épocas impôs ciclos admiráveis de nossa formação:

Bandeira do Brasil Colonia,
 Bandeira do Brasil Reino,
 Bandeira do Brasil Império,
 Bandeira do Brasil República.

As jornadas cívicas que realizamos de 1938 a 1940, nos vales dos rios Itajaí, Iguaçu, nos planaltos paranaense, catarinense e gaúcho, foram o prólogo da grande campanha de nacionalização que empolgou o Brasil Meridional. Não podia ter sido mais feliz, agitada como foi, pelos ensinamentos históricos. Os núcleos de população alemã, italiana, japonesa, russa que se enquistaram criminosamente fugindo à exigência, foram observados e palmilhados em todos os sentidos pelas caravanas cívicas que conduziam todas as Bandeiras da Pátria, desde o ano de 1500 até o atual, que drapeja no topo dos nossos mastros. A nossa história está escrita nas nossas Bandeiras que enchiam de orgulho a juventude que ali habitava, acostumada a ouvir e vêr a exaltação de que não era nosso, como uma ofensa a nossa existência de povo que vai conquistando aos poucos uma posição definida no cenário das nações fortes. Por toda vida, sentimos a emoção que nos acompanhava ao ouvirmos a descrição de cada Bandeira, relicário de glórias,

resumo de cada ciclo da vida de um povo. Era como olhar o firmamento rendado de estrelas e vêr de perto o serpentear da via látea, como uma estrada celeste, onde galopavam corcéis ricamente ajaezados, cavalgados por todos nossos heróis, dignos do que há de mais expressivo na mitologia, empunhando as nossas Bandeiras.

A primeira era a da Ordem de Cristo, a mesma que Cabral plantou no monte Pascoal, que inspirou a construção da Cruz para a primeira missa, a mesma Bandeira que assistiu nossas primeiras desditas: a tragédia das Capitânicas hereditárias e as invasões de nosso território pelos franceses, holandeses e ingleses.

A última, ofuscava pelo seu brilho, aureolada de glórias, era a Bandeira da República, síntese admirável do passado, do presente e de um radioso porvir.

II — A MÍSTICA

Para nós brasileiros, a palavra Bandeira tem uma significação que faz recordar arrancadas heróicas dos nossos bravos que modelaram nossas fronteiras.

Empunhada pelos nossos antepassados, ela guiava, protegia e jamais nos fez recuar e conhecer o travo da derrota.

Quantas vezes, seu drapejar falava como uma ordem, e, comunicava sua alma aos nossos que multiplicavam suas forças, concedendo-nos verdadeiros milagres.

Na testa das colunas expedicionárias, em busca do reino das esmeraldas, nos mastros dos nossos navios que sulcavam nossos rios e nossos oceanos, no coração dos nossos heróis, ela foi sempre o nome da nacionalidade.

O respeito, o amor, a veneração que tributo ao lábaro sagrado são valiosos que me embaraço para dizer o que me vai na alma. Francisco Dias Pais Leme, que se immortalizou na épopeia bandeirante, Marcilio Dias que viverá eternamente no bronze da História, dizem por todos os séculos do poder que tem a Bandeira da Pátria.

Lembro-me muito bem de uma cena, passada em Porto Alegre, em Janeiro de 1942. A Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, chefiada pelo Major Inacio de Freitas Rolim, organizou uma excursão até as fronteiras da Pátria, às barrancas uruguaias e argentinas. Ao tornar ao Guaíba, à linda cidade enamorada da lagôa, a representação escoteira obteve permissão do Arcebispo D. João Becker para conduzir, da Catedral de Porto Alegre para a sôde da Confederação do Rio, uma das Bandeiras Imperiais que tomaram parte na guerra de Lopez e assistiu centenas de bravos tombarem nos campos ensanguentados do Paraguai. Prêmio valiosíssimo, não haveria melhor, para ser concedida aos escoteiros, verdadeiros representantes da Juventude Brasileira.

A cerimonia foi preparada para marcar época nos anais cívicos da Capital gaucha.

O povo do Rio Grande, prima pelos seus sentimentos patrióticos.

Rio Grande do Sul é a verdadeira sentinela da Pátria, sempre disposto a resistir aos primeiros embates do inimigo.

Manadeiro de bravos, sua gente foi caldejada através de muitos anos de luta, cresceu na perene reacção ao invasor. Terra fecunda, fertilizada com o sangue dos nossos gênios, solo onde ressoam os brados dos guerreiros, dos nossos maiores, de dobra em dobra do terreno, multiplicando-se pelos pampas intermináveis...

Exemplo de uma fronteira viva, onde prosperou e prospéra um povo que não teme os mais arriscados confrontos.

O Gaucho, é o brasileiro sempre apto para guerra, nasce e morre em cima do cavalo.

Esse, era o povo que se comprimia na praça, em torno do monumento a OSÓRIO.

Viam-se em todas as fisionômas, a satisfação, a alegria pelo ato que ia reviver o passado.

Frente à estátua, estava o palanque oficial e o isolamento que circundava os escoteiros do Rio, Espírito Santo, Minas, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Em atitude impecável, mostravam-se os descendentes de Caxias, dignos de admiração do povo que os aplaudia. De súbito, há um sussurro na praça.

Ouvem os tambores rufarem. E' o pelotão dos alunos da Escola Preparatória, os sucessores do legendário Centauro dos Pampas, na sua cadência forte, marcial, conduzindo a Bandeira veterana, reminiscência do Império que consolidou nossa unidade Nacional.

Os tambores rufam mais alto, aproximam-se. A tropa toda se agita e o povo vibra. Os cadetes, envergando seu uniforme de gala, o azul do céu estampado no azul marinho dos nossos oceanos, realçava o pedestral que conduzia o lábaro sagrado. Ao lado da Bandeira da República, a velha Imperial rejuvenescida parecia moça, drapejava com o mesmo entusiasmo para mostrar suas manchas de sangue, como um herói que aponta, em suas cicatrizes, o hino de uma vitória.

Sob as salvas dos nossos canhões e das palmas da multidão que endoideceu de entusiasmo, os cadetes fizeram alto frente a OSÓRIO.

Com todo o garbo, a juventude se perfilou, alinhou-se, ergueu a cabeça. O povo exultou ao presenciar a guarda escoteira receber dos cadetes o auriverde pendão Imperial. Espetáculo de uma beleza, sem par, digno dos templos ricos de mística.

Os jovens militares tornaram a marchar ao som cadenciado dos tambores.

Os escoteiros cariocas, orgulhosos empunharam as duas Bandeiras: a Imperial e a Republicana.

O ritual culminara. Os visitantes formaram em coluna por um. Um dobrado guerreiro animou e contagiou a multidão. Os jovens compatriotas de calças curtas marcharam garbosos, dignos de meação.

Um por um, fez alto, em continência, frente à velha Bandeira, trapo sagrado, todo manchado de sangue e com todo o respeito, beijou aquele pano que já cobrira muitos heróis nacionais.

O povo fremio, não se conteve, e, muitos foram os homens que enxugaram as lágrimas que lhes inundavam os olhos.

E, faltam-me as palavras para dizer o que senti ao olhar o palanque, vê-lo vazio, e, assistir todas as altas autoridades, generais, interventor, arcebispo, secretários de estado, oficiais superiores, sucessivamente, postarem-se frente à imagem da Pátria e com um respeito religioso, saudarem e beijarem a Bandeira com todo o fervor. Quanta beleza reunida nesse instante!

À luz meridiana, o futuro, o presente e o passado reuniram-se para afirmar o nosso glorioso destino. O povo uivou como um leão frente à presa, não se conteve, quebrou os cordões de isolamento arrebatado pela cena imortal.

O povo queria beijar a sua Bandeira!

III — A EXPRESSÃO DA SOBERANIA

O exame de consciência a que somos compelidos fazer antes de nos entregarmos às doçuras de um grande repouso, à meditação imposta pelas necessidades da vida hodierna, levam-nos a descobrir o manto misterioso que oculta e que há muito cubiçamos.

Todos nós que tivemos a felicidade de aquecer os bancos das escolas superiores, de ter o contacto espiritual com valores selecionados. mestres, professores, educadores, criminosos seríamos, se não atinassemos com as soluções dos muitos problemas que nos afligem.

Parece-nos interessante as ligações a que chegamos sobre a política, sociologia, história e economia.

Que valor tem a Bandeira, de modo a levar nossas idéias a essa ordem de cousas tão complexas?

E' incontestavel a afirmação de que os aglomeradores humanos, desde tempos imemoriais, jamais venceram sem as suas insígnias, sem os seus estandartes.

Afonso Celso, com muito acerto, justifica o valor das Bandeiras Nacionais: representativas de sua soberania e independência, as mais elevadas idéias de honra, dignidade melindre-as idéias que o sacerdote ligou as imagens de sua religião.

Se rememorarmos os clicos de nossa formação, descortinamos em primeiro plano, todas nossas reivindicações escritas nos portulados dos nossos símbolos nacionais, desde o "libertas que será tamem", até o "Ordem e Progresso".

A política encontra o seu mais sólido fundamento na sociologia e na economia. Falar em soberania, é tratar da política dos fortes, do valor social do povo representado na sua Bandeira Nacional.

O Estado Novo, pela voz fluente de seu Ministro da Fazenda, afirmou categoricamente, que a Bandeira e a Moeda integram-se como expressão da Soberania Nacional.

Não podia ser mais feliz o mui ilustre e douto Ministro, quando expôs sua idéia, entretanto, a visão ministerial teria sido mais profunda e concluísse desta maneira: a Bandeira, a Moeda e a Língua integram-se como expressão da Soberania Nacional.

Se a Bandeira reflete a grandeza da nação, a Moeda exprime a riqueza nacional, a Língua é, como dizia Bilac, a própria Pátria.

IV — ORDEM E PROGRESSO

Teixeira Mendes, o apóstolo da Humanidade, como é conhecido pelos filósofos positivistas, descrevendo a Bandeira do Brasil Republicana, em um dos seus magníficos trechos, afirmou com muita clareza:

“O povo brasileiro como todos os povos ocidentais, acha-se vivamente solicitado por duas necessidades ambas imperiosas, que se resumem nas palavras — Ordem e Progresso. Todos sentem, por um lado, que é imprescindível manter as bases da sociedade, mas todos percebem, também, que as instituições humanas são suscetíveis de aperfeiçoamento. Ora, acontecendo que o tipo da Ordem só foi até hoje fornecida pelo regime teológico e guerreiro passado, e que o Progresso tem exigido a eliminação, por vezes violenta, de certas instituições, o espírito público foi levado empiricamente a supor que às duas necessidades eram irreconciliáveis.

“No entanto, a dinâmica Social, fundada por Augusto Comte, para completar e desenvolver a Estatística Social fundada por Aristoteles, demonstra que as duas necessidades de Ordem e Progresso, longe de serem irreconciliáveis, por toda parte se harmonizam.

E, ainda mais o mesmo egregio Pensador demonstrou que essa harmonia se dá na Política e na Moral em consequência da preponderância do Amor. Na frase do fundador da religião da humanidade: — O Progresso é o desenvolvimento da Ordem, como a Ordem é a consolidação do Progresso”.

Os republicanos inspirados nas lições do passado, mergulharam nos arcanos da história, perquiriram outros conhecimentos científicos da sociedade, para criar os postulados que estão escritos na nossa Bandeira.

São passados 53 anos e a lealdade para a República, impõe um resumo da nossa evolução política, social e econômica sob a proteção da nossa Bandeira.

A República de 89, com pequenas alterações de ordem adminis-

trativa, procurou continuar a política exterior do Império. O ilustre chanceler Barão do Rio Branco, aguia da diplomacia americana, com sua visão penetrante de estadista, resolveu todos nossos casos de fronteiras com os vizinhos e iniciou um panamericanismo construtor.

Nos últimos anos o Estado Nacional "sentiu que o problema internacional do Brasil não era mais como no Império, até Rio Branco, eminentemente político".

Além dos fatores históricos passaram a influir outros de ordem geográfica e econômica. E, essa política objetiva, levou-nos a guerra de 1914 e de 1942 duas fases que tivemos de arcar com nossos compromissos Continentais. Acompanhamos nossos aliados, depois de recebermos golpes profundos da nossa Soberania. E hoje a República, está estruturada, para atravessarmos esta situação crítica do mundo em que os povos lutam para subsistir.

E, o Brasil, cresceu em meio século, de 14 milhões de habitantes, passou a 43 milhões, e, outra seria a densidade demográfica, se não fosse carente de cultura, como afirmou Austregésilo.

Quanto à produção, podemos declarar: a) que em 1940, montava 32 bilhões de cruzeiros ou enquanto em 1920, era calculada em 12 bilhões;

b) que a indústria nacional ultrapassou o valor da produção agrícola, em mais de 10 bilhões de cruzeiros;

c) que as fábricas de algodão têm uma produção maior de 4 milhões de contos;

d) que consumimos apenas 20% dos produtos oriundos de outras nações, em relação aos que são produzidos em nosso país;

e) que a nossa produção de carvão subiu a um milhão e duzentas mil toneladas, 50% do que consumimos anualmente;

f) que o ferro gusa em 1930 era de 35.305 toneladas passou em 1940 para 160.016, o ferro laminado era de 25.895 passou para 100.996 toneladas, o aço de 20.985 para 114.095, o cimento de 87.160 alcançou 697.793 tns.

Quanto às finanças, a República amealha suas reservas ouro por um processo útil e prático. O Tesouro já conta com reserva no valor de mais de 1/3 da emissão fiduciária, isto é, o caminho seguro para garantir o fortalecimento de nossa moeda. E seguimos esse rosário de números para provar a verdade do lema Ordem e Progresso.

V — BANDEIRA GLORIOSA

Bilac, cantor das nossas maravilhas, o condor da poesia brasileira, no píncaro da glória, terminou assim a sua formosa oração: a BANDEIRA DA PÁTRIA: Bendita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força, todas

as forças dispersas no território imenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da família brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerância aos fortes, firmeza aos crentes e estímulo aos desanimados!

Bendita sejas! e, para todo o sempre, expondo-te, desfaldando-te, alpipita e resplandece como uma grande asa, sôbre a definitiva Pátria que queremos criar forte e livre pacífica, mas armada; modesta, mas digna, dadivosa para os estranhos mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lírica, mas excedida de energia de prudência, de instrução e de civismo, de disciplina e de coesão de exército dextro e de Marinha aparelhada para assegurar e defender a nossa honra, a nossa inteligência; o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz”.

“BENDITA SEJAS BANDEIRA DO BRASIL!”

Já se vão muitos anos que o vate cantou. Sua poesia ao serviço da Pátria inspirou nossos corações, encheu de aroma nossas florestas, ainda ecôa de quebrada em quebrada, derramando a melodia por toda natureza.

SALVE BANDEIRA DO BRASIL, lábaro imaculado e puro, redimiste gerações passadas e as de redimir gerações futuras. Se estás no alto, guias e conquistas, se estás em baixo aconselhas e confortas. Na paz enobreces e estimulas, na guerra vences e exaltas! SALVE BANDEIRA dos fortes, dos bravos e destemidos que jamais servistes a causa injusta, orgulho de um povo que ama a paz, e a guerra e combate o luxo e a ociosidade.

“SALVE SÍMBOLO AUGUSTO DA PAZ E DA ESPERANÇA”, nos lares iluminas as mesas do trabalho e vives no colo das mães, ensinando a amar o BRASIL!

SALVE BANDEIRA, que estás no topo dos mastros das guarinções do Oiapoque, Chui, Tabatinga, que tremulas nas jangadas que desce o Amazonas, que dominas a casa do caboclo, que és beijada pelos ventos que passam pelos açudes Nordestinos.

SALVE BANDEIRA, que levas as misteriosas jangadas pelo oceano afora, vôas com as naves tripuladas pelos descendentes de Santos Dumont, proteges nossos navios tripulados pelos descendentes de Tamandaré, que abrem com suas quilhas pesadas os mares sempre virgens.

BANDEIRA DO BRASIL, és o orgulho das Américas, viverás com o povo por todos os séculos, mas se um dia tua soberania fôr ultrada, serás a mortalha sagrada de um povo e do último herói que morreu bravamente na defesa do território patrio!

BENDITA SEJAS, BANDEIRA DO BRASIL!

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial)	21,00
A Revolução de 1842 — Martins de Andrade	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Aspéto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mario Tra- vassos	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coro- nel M. Travassos (*)	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Lima Figueiredo	11,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".